

JANAÍNA: Estamos gravando. Boa tarde. Nós estamos aqui para colher os depoimentos na oitava dos filhos do Ciro Valadares de Vasconcelos Júnior e da Helena Jório de Vasconcelos. Estão presentes aqui na sala Lucas Jório, Ado Jório, Léo Jório e Clio Jório, e Janaína Campos de Freitas Abreu e Mariana dos Reis Cruz. A Mariana e a Janaína são pesquisadoras da COVEMG, (trecho incompreensível) Pesquisadoras da COVEMG. Estamos presentes aqui na sala do Coned na COVEMG, hoje é dia 17/04, às 14h40min. Então nós vamos ouvir primeiro a Clio, dando o seu depoimento, seu relato, e assim, a medida do possível, nós vamos conversando sobre os relatos, sobre os fatos que são apresentados.

CLIO: Quando meus pais foram presos, eu tinha 11, meses e aconteceu em dezembro. Então eu era muito pequena, não tenho absolutamente nenhuma lembrança, só sei de tudo que eles contaram, e já me contaram várias vezes e cada vez que contava eu ia gravando mais detalhes e no dia que meus pais foram presos, que chegaram policiais armados, não sei se eram do exército, parece. Tinha uma amiga da minha mãe que estava lá visitando no dia, ela chama Clotilde, não sei o sobrenome dela. Toda vez que a gente encontra, eu já encontrei algumas vezes com ela, porque ela é madrinha de uma amiga, sempre ela conta "Ah, eu fiquei com você aquele dia que seu pai e sua mãe foram presos, você estava doente e não sei mais o que, não sei mais o que". Isso tudo é, assim, motivo de muito orgulho para mim, ela também conta muito orgulhosa, quem está perto a gente conta a história toda de novo. Então tá, eu não tenho lembrança nenhuma. O que eu lembro da minha vida é o seguinte, a gente cresceu sem nenhuma vergonha, nenhum preconceito, nada a respeito disso, muito pelo contrário, a gente cresceu aprendendo a valorizar. Isso inclusive é motivo de orgulho. Hoje eu conto pra todo mundo, eu sempre dou um jeito de comentar esse assunto. Acho isso, assim, fantástico. Admiro meus pais e... Mas a gente cresceu, eu percebi que a gente cresceu. Pra não ter esse preconceito, essa coisa toda, eu percebi que a gente cresceu sempre convivendo com pessoas que estavam, que compartilhavam do mesmo, do mesmo... Da mesma ideologia, do mesmo... Tudo dos meus pais. Então quando eu era pequena, pequenininha, as escolas, por exemplo as escolas, a vida inteira a gente estudou em escolas, não eram aquelas escolas tradicionais, que em geral eram todas religiosas e aquela coisa toda. A gente... Eu estudei quando pequena no Balão Vermelho, tenho muito poucas lembranças. Depois algumas outras escolas, Pica-pau Amarelo e o Albert Einstein. E a gente conviveu muito, eu passei muito da minha infância com amigos da minha mãe, o Paulo Teles e a Irene Teles, o sobrenome, eu sei que ela tem Teles do marido dela. É... Que os filhos, que é o André, a Ana, a Rosa e a Mariana, todo mundo Teles. A

Ana a gente é da mesma idade, o André é mais velho do que eu, mas convivia, o Ado também tinha muita convivência com ele, e a gente ia todo ano para praia juntos, assim... Quando pequenininha, pequenininha, bebezinha, 1 ano, 2 anos, 3 anos não ia, não, mas aí eu já não tenho muita lembrança. Quando eu comecei a me entender por gente, que devia ter lá uns 7, 8 anos assim, aí eu já convivia muito com eles. A gente ia para Ibirité, depois mamãe começou a trabalhar em Ibirité, sempre ali. E outras pessoas. Por exemplo, eu lembro da gente ir à casa do Deca e da Eloisa. O Deca chama Odeísio, eu acho. Não sei o nome dele. Que tinha o Vitor, que o Vitor é da minha idade, eu lembro que a gente ia na casa deles. O Deca também foi preso, a Eloísa também. São essas pessoas que eu lembro. A família da minha... Da minha... A gente convive muito com a família... Sempre conviveu muito com a família da minha mãe, era uma convivência ótima, não tinha nenhum problema. Meus tios, eu adorava meus tios, minhas tias, meus primos, meu avô, minha avó, sempre senti maior respeito com relação a isso. Ótimo. A gente nunca conviveu foi com a família do meu pai. Aí a minha mãe conta... Isso é da minha mãe, porque meu pai não conta, eu acho que ele não conta porque é a família dele. Mas o que eu sempre ouvi foi que virou as costas para ele, a família dele, porque tinha muito medo, achava que eles eram, né, eram sei lá, subversivos. Assim, um pessoal muito, muito atrasado mesmo e viraram as costas para ele, então a gente não conviveu. Mas eu sei que é uma família... Outros primos também falaram que não conviveram entre si. Então eu acho que o fato de eu não ter convivido com a família do meu pai não é só por causa disso, não. Tem um pouco haver também que a família é uma família muito estranha. Eles são estranhos. Mas nós convivemos no Einstein, quando a gente foi para o Einstein, que era uma escola que hoje fala... Aí a mamãe, ela conta... Isso eu não, eu não... Eu não senti isso. Eu fui sentir um pouco isso depois que eu já me entendia por gente, assim, com sei lá, 14 anos, 15 anos. “Ah, vocês estudam naquela escola? Não sei o que... Ah, aquela escola é assim, é assado”. Depois que a mamãe falava, que tinha gente que falava “É escola de louco, é escola de loucão. Os menino tudo doido. Cês são largados, os meninos...” Enfim...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO A: Não usa uniforme...

CLIO: Hãn?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não usa uniforme. Era escola de doidão mesmo.

CLIO: Não usa uniforme. “Escola de gente doido. Escola doida. Tudo doidão.” Porque tinha que ser escola... Tinha que ser...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Alternativo.

CLIO: É. Aí tinha gente que fala hoje “Ah, vocês estudaram em escola alternativa, né?”. Aí eu falo “Que escola alternativa o quê...”. Aí eu já conversei sobre isso com a mamãe, uma escola... Aí as pessoas... “Ah, a escola que deixava fazer tudo que quer”. Não tem nada de fazer tudo que quer. Não tem nada disso. Mas enfim. E aí... Aí tem outros primos, tem irmãos do meu pai que a gente até conviveu nessa escola, a gente teve uma convivência com eles, com a Kiara, com o Guilherme... E... E foi assim. Foi ótima a infância. Eu acho que... A minha mãe conta de, que depois, hoje, a gente vê, eles contam, a gente vê, que amigos que também afastaram deles por causa disso, depois voltaram, hoje tem uma amizade, mas você vê que não é muito amigo nem nada, porque, né... Então... Mas eu acho que a gente, a gente, assim, não sofreu nada. Eu acho que a gente viveu ali naquele, sabe? Naquele contexto. Aí... Mas aí tem umas coisas engraçadas, sabe as coisas engraçadíssimas... Não sei se eu que sou mulher. Eu falo com mamãe assim, a vida inteira eu vivi assim, a minha casa não tinha sofá, era almofada no chão, eu achava aquilo ali horroroso. Achava horrível aquilo. Eu era doida para ter uma casa mais convencional.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Casa de burguês.

CLIO: Hãn?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Casa de burguês e a casa (trecho incompreensível).

CLIO: Exatamente, burguês. E meu pai era muito, nossa gente, meu pai é muito radical, hoje eu vejo. Meu Deus do céu! Outro dia ele disse que não entra em um petshop, “Mas isso aí deve ser a cara da burguesia, pet shop, né? Deve ser a cara da burguesia”. Então ele... O papai era demais, sabe? E muito... A mamãe hoje eu vejo que é menos. Então era aquela coisa, não tinha sofá, almofada no chão. Eu fui ter um quarto mais assim, bonitinho, quando eu tinha, acho que uns 12 anos, sei lá. Tive um quarto mais... Até então... Isso é uma coisa, isso... Foi só isso, uma coisa que eu acho que me incomodou um pouco, mas... Nossa! Sem problema nenhum, nada... Nenhum problema.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A minha mãe me contou outro dia que, acho que foi o Lucas que chegou reclamou um dia?

LUCAS: Eu reclamei um dia que não tinha sofá. Todas as casas que eu já vi tem sofá, mas na nossa não tem sofá (trecho incompreensível).

CLIO: Isso eu acho que foi depois que a gente começou a conviver um pouco... Deixou de conviver só com... Paulo Irene.

LUCAS: Desprendido das coisas materiais.

CLIO: E começou a fazer amizade com as outras pessoas. E hoje assim, todos os amigos nossos, pelo menos as minhas amigas e os amigos dos meninos, que eu tenho certeza, todo mundo sabe da história e acha, assim, é... A gente convive com gente que... Eu não vou conviver com ninguém que gosta do Bolsonaro, né? Então nós convivemos com gente que acha isso, assim, até legal. Eu achava horroroso o papai com aquela barba, nossa meu Deus, eu achava aquilo ali o fim da picada.

LUCAS: Ele teve barba muito tempo, né? Eu já não lembro dele com barba.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Uai. Barba tá na moda agora. É, ué...

CLIO: Mas até hoje eu não gosto de barba. Tem esses meninos agora com essas barbas, parecendo muçulmano, que eu acho horrível. Então essas bobagens que incomodava, mas só isso, nada mais. Nada mais.

JANAÍNA: E vocês?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na ordem.

ADO: Na ordem?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na ordem. Segundo é...

ADO: Contar também. Eu acho que eu tenho a mesma... Muito do que a Clio falou é o que nós todos vivemos e... Tem uma coisa que eu acho importante também colocar assim, quando... Porque tudo que a gente sabe foi contado pelos nossos pais, e 99,9 pela nossa, mãe porque meu pai, ele é muito calado. Tá certo? Eu não sei se o, vamos dizer, se episódio de tortura e coisa tem algum efeito nisso, eu acho que muito maior é o efeito dele ter sido criado no seminário. Então ele foi educado mesmo por padre. Então ele é uma pessoa calada. E quando você pergunta dados para ele sobre tortura, ele responde sem graça, ele fala assim: "Ah eles davam um soco na gente, assim". Com alguma... Mas vocês... Ele fala que tinha muito... Como que chama? Muito espancamento, arrancar unha, coisas assim. E minha mãe que conta mais esses detalhes, essas coisas que, que aconteceu no dia, que tinha biblioteca, aquela coisa. Então assim, os fatos quem conta muito é a nossa mãe. A única lembrança que eu tenho mais... Então assim, tem isso mesmo, a nossa vida foi muito, como que chama? Muito arraigada de política. A gente é, assim, a gente cresceu praticamente doutrinado a ter uma postura política, a ter, como que chama? Influências, essas coisas... Porque eu não tenho muito sentimento... Eu acho que você pode pensar assim, uma pessoa que é muito enraizada em política, ele pode ficar abandonado pelos pais, o pai envolvido demais com política... Esse sentimento de abandono eu acho que nenhum de nós temos, de forma alguma. Que, assim, a presença dos nossos pais sempre foi muito forte,

mas claramente, igual a Clio falou, todos os amigos, todo mundo, aquela coisa muito transpirando política, mas uma política de esquerda, antiditadura e tudo. Eu lembro assim, isso que a Clio tá falando, por exemplo, teve uma... Teve uma... De novo a gente... Nos contam isso. Quando meu pai virou tipo fiscal e coisa, eles tiveram a época, a possibilidade de comprar um lote no Mangabeiras e coisa, e a decisão, assim: "Eu não moro onde esse tipo de gente mora". Então essas decisões, elas... Algumas radicais, talvez tivesse que ser mesmo, talvez não precisasse, num sei. Mas esse tipo de coisa, nas escolas que a gente estudava, nos lugares que a gente andava, as pessoas que a gente andava, era sempre característico. A única... A única coisa que eu lembro assim... Quando Tancredo ganhou a eleição, eu lembro de meu pai chorando muito. Essa é a única coisa que me marcou pessoalmente, porque você tem 10 anos de idade, vê seu pai chorando daquele jeito. Então assim, hoje eu entendo. Essa é a única coisa que eu sei que... Fora isso, a gente não viveu... Não teve essas... Tendeu assim, desse ponto de vista de influência política e coisa.

LUCAS: Teve dois. Eu lembro dele chorando muito no impeachment do Collor. Ele e Deusdete, lembro os dois lá na (trecho incompreensível)... Esse aí eu não lembro, porque eu tinha 3, 4 anos, mas no impeachment do Collor também eles... Eles ficaram muito feliz.

ADO: Porque você vê, assim, por exemplo, né, a Clio falou, a minha mãe perdeu o emprego, perdeu o emprego, assim, ela... De novo, por ignorância, não foi... Não teve uma mão do Estado falando pra ela "Pede exoneração, você é comunista e coisa". Mas a família inteira te induz a fazer aquela coisa, mas minha mãe trabalhou a vida inteira... Assim, foi exonerada e coisa, mas sempre trabalhou e geralmente sempre ligada à política e educação. Secretaria de Educação e coisas desse gênero. A Clio lembra do Paulo. O Paulo Teles virou prefeito de Ibirité. Quando ele virou prefeito de Ibirité, a gente mudou em Ibirité e era para trabalhar na prefeitura. Então sempre uma ação política muito intensa. Embora hoje... Hoje assim, é lógico...

LUCAS: (Trecho incompreensível) não? Lembra que a gente foi morar em Ibirité para trabalhar na prefeitura de Ibirité...

LÉO: Na Secretaria de Educação, não é?

ADO: Tava... Na 4ª série. (Trecho incompreensível).

LUCAS: Era uma das primeiras vezes que tinha prefeituras, assim... De populares.

CLIO: Você estava na 4º série e você nasceu em 72, não é isso?

LÉO: É. 4º série é 11 anos. Ou 82 ou 83.

CLIO: É 82. A mamãe fala que o Paulo foi eleito em 82. Acho que foi 82. Se não foi 82 foi... Mas acho que foi 82 mesmo.

ADO: Aí a gente morou uns 8 anos em Ibitité, não foi uma coisa assim?

CLIO: Acho que não chegou a 8, não. Eu acho que a gente morou uns 4, 5, depois voltou pra cá...

JANAÍNA: Mas seus pais tinham cargos lá Ibitité, na prefeitura?

LUCAS: Minha mãe tinha.

CLIO: A mamãe.

LÉO: Ela foi convidada a ser Secretária de Educação de Ibitité por causa do Paulo Teles, que...

LUCAS: O meu pai também.

CLIO: É. O Paulo Teles convidou ela a trabalhar como secretária da educação. Papai também.

ADO: (Trecho incompreensível) educação.

LUCAS: E ele foi Secretário de Fazenda lá também. Só lembrando, teve também uns episódios relacionados a eles. Eles compraram... Quando eles compraram um terreno lá, aí tinha aquele tipo de coisa "Olha, nó, mas eles não são comunistas? Então eles têm propriedade? Eles têm...". Né. Quase que desistiram da compra, mas aí...

ADO: Essa assim... Como a Clio falou, acho que nós todos tivemos uma educação muito boa, de todos os pontos de vista, inclusive da presença dos pais. Porque isso é uma coisa que poderia... Não teve um...

LUCAS: Ele é hoje um maior cientistas do Brasil, vocês sabem disso? Esse aqui. É, ué. Depois vocês procuram lá pro cê ver. (Trecho incompreensível) Quem são os 4 maiores cientistas do Brasil, depois vocês vão olhar lá, professor do Departamento de Física. É ué. Pois é. (Trecho incompreensível)

ADO: Ai você vê, nós todos nós formamos, temos uma... Eu acho que uma vida social absolutamente normal, empregos etc. Então, assim, teve um... Nada traumático, pelo contrário. (trecho incompreensível) coloca, eu acho que a gente tem uma colocação na sociedade, hoje, com a compreensão do que aconteceu... Porque na época tinha muita ignorância, tinha família que via aquilo com medo, alguma coisa. Então hoje nós temos uma posição até confortável de... Você até erra numa certa autoridade, né, porque... Com autoridade dos seus pais, que fizeram a coisa certa num momento em que todo mundo tá fazendo a coisa errada.

LUCAS: Onde todo mundo... Que a maioria estava apoiando, achando que estava pondo ordem no país.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Acho que não sabiam nem o que estava acontecendo.

CLIO: Não sabia nem o que estava acontecendo, acho que é muita ignorância, Lucas.

LUCAS: Sim.

ADO: Eu tenho um professor na universidade, um colega meu lá, que eu... Bem mais velho, da idade de meus pais, que eu converso com ele, assim: "Como foi a ditadura procê?". Ele fala assim "Eu era muito pobre para saber o que está acontecendo. Eu estava sobrevivendo. Eu não sei de ditadura. Eu não vivi isso". Então eu acho que isso existiu. Deixa eu ver se tem mais alguma coisa... Eu acho que é isso. Eu acho que o que eu lembro agora... Passo a palavra.

JANAÍNA: Só um minutinho, quem falou agora foi o Ado. Só para a gente poder identificar, porque como a gente vai fazer a transcrição e a gente não está tendo o recurso da filmagem, para quem for fazer a transcrição saber exatamente quem são as pessoas que estão falando.

ADO: Agora o Léo.

LÉO: Bom, quanto mais vai falando, não vai sobrando nada pra você falar.

LUCAS: É, é por isso que eu vou dando os pitacos, fazendo marketing.

LÉO: Mas eu, por ser mais velho e ainda não ter parecido mais velho, eu digo por ter nascido bem depois. Sobra muita coisa de lembrança, claro, nada... O que eu corroboro que é isso, que realmente não tenho nenhuma lembrança de ter sido humilhado, bullying, ou nada sobre isso, nunca na vida. Pelo contrário. Meus pais realmente, como o Ado falou, eles são mais... Meu pai principalmente é muito... Nunca mais esqueço na minha vida, que a gente brincava, tipo "Oh, Pai, vamos um dia para a Disney?" E ele falava "Não piso nos Estados Unidos, não adianta". E não vai pisar. Não vai pisar. Vai morrer sem pisar nos Estados Unidos, tenho absoluta certeza disso.

CLIO: Eu sou a primeira filha, acho que vou morrer sem pisar também. Eu herdei isso.

LÉO: E eu era assim também, porque a gente vai pegando essas coisas dos pais e vai repetindo, e eu fui, gostei, e acho que pode ir. Eu acho que isso é uma das bobearas que a gente faz.

CLIO: Mas tem outros lugares mais legais. Tem outros lugares mais legais.

LÉO: Tem, tem. Total...

CLIO: Como eu não vou ter dinheiro para ir e tudo, eu vou optar pelos mais legais.

LÉO: Não, é uai. Mas eu acho... Ele não vai, então ocê não sei você, mas às vezes Aline, Thiago e seus filhos te convencem.

CLIO: Eles vão sozinhos.

LÉO: Mas uma coisa legal que eu acho que aconteceu, que o Ado falou que a gente vivia e teve muita estrutura política dele sempre, mesmo inconscientemente, eu quando eu tinha, não sei se

era 16, que pela lei era acima de 16. Não sei se era 16 ou 17, eu quis tirar título, tirei título para votar no Lula. Isso rolou.

ADO: Todos nós fomos. Eu votei com 16 anos. (trecho incompreensível) Você já era mais velho né? Porque a lei de 16 anos, ela entrou em vigor quando eu fiz 16 anos. Então você já devia ter 17 para 18.

LÉO: Já velhinho.

CLIO: Tudo bem que cada dia que passa ele parece o mais jovem.

LÉO: Mas uma lembrança que eu tenho é dessa e a outra lembrança que eu tenho forte é quando... 2000 ou 2002, quando que o Lula ganhou?

Orador A: 2002.

LÉO: 2002. Que como se fosse, para a gente lá em casa, uma final de Copa do Mundo. Gente... Gritava... Achei que dali para a Dinamarca era 1 minuto, mas não foi, mas assim, claro que depois muita coisa melhorou, mas eu lembro de mais, e isso pela estrutura lá de casa mesmo, que ela... E eles nunca sentaram... Eu não lembro deles sentar e falar "Olha, você tem que pensar assim, a gente pensa assim". Nunca teve isso, mas eles conseguiram passar... Eu na verdade, dos 4 aqui hoje, eu sou o mais desanimado com a política, eles eu acho que continuam mais engajados do que eu. Estou na parte mais desanimado com isso tudo, mas não que eu, né... Não que eu tenha mudado, não, mas eu sou um pouco mais... Sei lá, estou meio cabreiro com isso tudo que tá acontecendo. Mas não tenho dúvida que eles conseguiram passar e de um jeito completamente pacífico, sem imposição de pensamento nenhum. Mas a vida inteira eles foram muito intelectuais, com 50 bilhões de livros dentro de casa, assinatura de tudo quanto é jornal. Isso, sabe? Então isso eles passaram muito forte. Agora fala alguma coisa aí.

LUCAS: É. Uai, já? Pois é, aí... Estou lembrando de... Talvez seja importante de ouvir sobre o fato...

CLIO: Agora o historiador falando.

LUCAS: Que a minha mãe... Pois é, eu formei em História, minha formação é em História, sou professor de História, sou músico também. A minha irmã é advogada. Físico, maior cientista do Brasil. Fisioterapeuta... Entre os quatro... Fisioterapeuta. E eu esqueço onde você trabalha... Ministério Público da União. Aí eu esqueço onde você trabalha também. Tribunal de Justiça. E aí eu dou aula de História e faço minhas músicas. Bom, aí o que é que acontece? Do que eu sei do... Por influência de meus pais também, por sempre ter livro da área de humanas, sempre muito livro de História, de Economia, de Literatura, de Filosofia, Sociologia e tal, tal... Aí fiz

História... Eu lembro de... Da minha mãe contar primeiro do fato, que eu acho que não deve ter nos registros, ela suspeita fortemente que... Porque depois que eles foram levados, ela... Primeiro ela ficou horrorizada com a quantidade de militares, de gente com armas, que ela falou “Gente, um casal...” Ela sempre falou assim “Um casal totalmente pacífico, a gente seria incapaz de pegar em armas. A gente seria inca...” Né, do pessoal mais ligado à luta armada e tal. “Um casal pacífico e esse tanto...” Ela não fala exatamente quantos, mas uns 10 mais ou menos que ela fala. “Muito armado para levar um casal”. Então parece que ela teve... Ela se saiu... Bem, assim, parece, na prisão, até para ter conseguido voltar para casa depois. Mas assim... E ela diz que entraram, que depois que eles foram levados, a Clotilde estava, no caso eles moravam ali na Avenida Uruguai, e que vários militares entraram em casa e ela tem fortes suspeitas de que eles roubaram a casa. Além de levar livros e tal para comprovar que lá era parte do, que lá era biblioteca.

CLIO: Biblioteca do partido.

LUCAS: Que roubaram, levaram joias também de família. Joias de valor e tal para... Mas ela mesmo não tem como comprovar isso. Aí assim, a alegação foi que... Ela conta também de assim que eles saíram, de eles verem o Sálvio em algum lugar preso também, e que aí eles... Essa Clotilde ficou lá, tá, e ela foi presa. Tá. E ali na cadeia, ali no DOPS na Afonso Pena, ela falou... Ela acha que contribui muito para ela ter voltado para casa... Tinha alguns defendendo achando que ela deveria ficar presa também, chegaram a mencionar “ela que é a perigosa”. Que meu pai sempre muito calado, muito tranquilo, eles não deram muita... Mas minha mãe começou a falar e acho que ela ironizou um pouco “Mas gente, precisa disso? Nós somos tão perigosos assim, né?” Eu lembro deles falarem muito isso depois (trecho incompreensível) comunismo era tão... Que medo que é esse, né? O comunismo tinha realmente tanto perigo assim? Muita gente não tinha nem ideia do que está acontecendo, né? Aí depois a gente foi ver que realmente num... Né? Tinha lá as reformas de base... Mas... Não sei. Se ia ter Revolução Comunista no Brasil. Acho que a chance disso acontecer era muito pequena. Mas aí ela falou com os militares, ironizando, aí alguns falaram “Vão levar”. Mas que aí ela mencionou que a filha ia no médico... Ah, eu não vou lembrar o nome do médico, mas era um médico militar.

CLIO: Figueiredo. Falou assim “Eu vou levar minha filha... Eu tenho que levar minha filha, está doente. “Quem que é o pediatra? Nós levamos sua filha, quem é o pediatra?”. “Dr. Figueiredo”. Aí um policial falou “Uai, eu conheço o Dr. Figueiredo, ele é pediatra do meu filho”.

LUCAS: E que era médico militar também, não é?

CLIO: Sim. Ele era militar, que os médicos, eles, eles têm uma patente lá, quando eles são...

LUCAS: Que aí o pessoal falou “Uai... Então essa... Então... Se trata em médico em militar, então eles não são contra os militares, não são contra o governo”.

CLIO: Então não são tão perigosos assim.

LUCAS: “Então não são tão perigosos assim”. Mas tá. Aí ela voltou para casa, no mesmo dia, eu acho.

CLIO: É.

LUCAS: Então minha irmã ficou lá sozinha, com... Nem um dia, né, em casa com amiga, com a Clotilde lá, num... Deve ter ficado algumas horas sozinha, e minha mãe voltou logo. E meu pai ficou um mês preso. Acho que um pouco mais de um mês, e esperando sair as marcas da tortura e ele foi bastante torturado, a gente não sabe, exatamente ele não fala, mas ele tem. Meu pai tem um trauma, claro que tem, né? Normal. Não tem como uma pessoa ser torturada e “Não, que isso? Tomei umas porradas...” Tranquilamente. Você não lida com isso tranquilamente. É óbvio que ele tem um trauma e não conta, não consegue falar do negócio de jeito nenhum. Agora, ele conta que ele... Ele concorda, minha mãe fala que ele ficou preso esse tempo todo para sair as marcas. Aí sofreu em pau de arara, ficou lá apanhando e tal. E parece que eles desistiram, porque viram que ele não abria a boca de jeito nenhum. E vem, acho que viram que... Como que é que minha mãe comentou? Ou eles desistiram, porque “ou ele realmente é só o bibliotecário da AP... Ah, é APML, né, Associação Popular Marxista-Leninista, Ação Popular Marxista-Leninista. Eles realmente tinham envolvimento e tal, tinham reuniões na casa. Lembrei de um outro dado importante e tal. O que estava acontecendo antes é que tinha uma mulher que ia fugir e meu pai ia ajudar essa mulher a fugir. Quem? Lascou. Uma mulher lá de Sabará. Uma mulher perigosa, né? Essa era perigosa mesmo... Dizem. Como é que chama essa mulher de Sabará? Depois vou pegar o nome dela. Que meu pai, a família é de Sabará e tal... E meu pai ia ajudar essa mulher um dia antes, eu acho, à prisão dele. Então o motivo da prisão do meu pai tem alguma coisa ligada a isso aí, ele estava participando da fuga dessa mulher perigosa, que ela ia passar lá. Meu pai guardou coisa dela, meu pai guardou uma bolsa dela. Minha mãe chegou a olhar na noite antes e minha mãe falou “Fodeu”. Porque tinha coisa lá. O que tinha? Documentos dela, os trem tudo dela pra essa mulher fugir. Aí que minha mãe viu e falou “Nossa senhora! Esse trem vai dar problema.” Aí a prisão foi no dia seguinte, e não deu certo a fuga dessa mulher também. Tinha um sinal lá, que minha mãe contou, acho que era o Sálvio mesmo...

CLIO: Não, não era o Sálvio, não. Era um outro nome.

LUCAS: Pessoa que ia dá um sinal assim “Olha, eu vou passar na porta da sua casa e seu tiver com ciganado, se tiver fumando, tá beleza. Você pode vir com as coisas dela que nós vamos levar ela não sei para onde. Se eu não tiver com cigarro, deu errado”. Aí o homem estava lá sem o cigarro, então lascou tudo e no dia seguinte foi a prisão. Mas eu acho que eles não alegaram isso na prisão, não. Essa fuga dessa mulher. Eles alegaram mais negócio de livros e local de reuniões da AP... Da APML. E meu pai era envolvido mesmo. Você chegou até a comentar. Minha mãe concordava e tal, mas meu pai que era o comunista mesmo. O perigoso. O mais perigoso da história era meu pai. Um perigo danado. Você precisa de ver, se você ver ele “Que homem perigoso”. Né? Que perigo de homem, nossa senhora! Então assim...

CLIO: Mas é um cérebro.

ADO: Só deixar claro que isso é ironia.

LUCAS: Isso é ironia. É. Isso daí é ironia, tem perigo nenhum...

CLIO: Você já tá preocupado com esses negócio de depoimento.

LUCAS: Formado, sem...

ADO: Daqui a pouco pega e corta um pedacinho e põem no jornal. (Trecho incompreensível)

LUCAS: Então tá, pois é. Depois, se for o caso, explica de novo e tal. Bom, aí... Então que desistiram do meu pai por ele ser muito calado e ele realmente não contou nada, minha mãe conta isso também, que o pessoal tem orgulho de gente que sofreu tortura e não entregou ninguém. Então ele tem isso...

LÉO: (Trecho incompreensível) começar a falar é isso. Os caras falaram “Ou esse cara, nós pegamos o errado ou esse cara é o cabeça geral, porque para ele tá tomando porrada desse jeito e não contou nada... Um dos dois”.

LUCAS: Então é. Aí largaram, acho que torturaram ele, acho que ele falou só nos primeiros dias, primeiro, segundo dia e tal, e o tempo que ele ficou lá... Mas assim, então ele nunca contou nada. Aí, recentemente, por causa dessa ligação suas eu perguntei algumas coisas e ele não consegue contar, ele começa a chorar e tal. Aí, mas aí ele conta, o que eu achei interessante, ele fica emocionado de coisas assim, de companheirismo da cadeia, né. Teve um cara, alguém estava preso por droga... Olha, os nomes... Um cara que não tinha nada a ver com política.

CLIO: Um filho de um cônsul não sei da onde.

LÉO: Da cônsul portuguesa... Sei lá.

LUCAS: Da Espanha... O filho do cônsul espanhol estava preso por causa de droga. Ele não sabe exatamente, (trecho incompreensível) se ele estava só usando droga, se ele estava

vendendo. Ele não sabe e tal. Mas que esse menino, ele ficou muito preocupado e que assim que ele saiu da cadeia ele foi, em primeiro lugar, contar para minha mãe que ele estava bem. Minha mãe desesperada, não tinha notícia nenhuma.

JANAÍNA: O filho do cônsul que procurou sua mãe?

LUCAS: Isso. Foi imediatamente.

JANAÍNA: Serviu como ponte de informação?

LUCAS: É. Então ele conta isso, só conseguiu contar isso e chora e tal. Então ele não consegue contar nada. E... O que mais? Aí esses negócio da cadeia. A única coisa que ele contou, isso ele contou rindo, é que ele assistiu o jogo do Atlético... Que você sabe disso, né? Que ele assistiu na cadeia e que os militares colocaram a televisão para o pessoal assistir, que em dezembro de 1971 tinha final do Campeonato Brasileiro, Atlético e Botafogo. Que foi o primeiro campeão brasileiro, né? Aí que os militares, ele conta isso achando legal assim, o pessoal colocou a televisão para eles assistirem e ele conta brincando, não sei se é brincadeira e tal, mas que não tinha nenhum cruzeirense, só tinha atleticano. Naquela época não tinha cruzeirense, não. Mas aí... Esse negócio de cruzeirense é depois.

LÉO: Mas já vai acabar de novo, graças a Deus.

LUCAS: Já vai acabar de novo. Brincadeira, é lógico. Aí... Ou seja, ele só conta coisa... Uma coisa assim... Ele é muito engraçado, ele gosta de piada e tal. E, bom, aí o que eu sei dele? Então os fatos são esses. Um outro fato importante que eu acho que em 97 ou 98, 1997 ou 1998, um desses dois anos, teve uma... Eles tiveram um problema com a polícia. Foi a única vez, depois, porque teve esse negócio de evitar polícia e tal. Eles tinham um lote que eles compraram, pertinho da favela da Serra, ali no alto do São Lucas, e aí como é normal em favela, o pessoal vai, invade e vai aumentando. Aí estava invadindo esse terreno. E aí teve um problema, eles chegaram a dar queixa na polícia. Não sei nem se deram queixa na polícia. No final das contas eles abriram mão do terreno, largaram pra lá. Não quiseram, porque eles tiveram essa opção, vamos dizer "Vamos lá chamar a polícia pra ir lá expulsar os invasores?" E eles, na ideologia comunista também, é... "Não. Uma propriedade, um lote pra gente não faz falta, deixa lá o pessoal. Pá e pronto. É deles agora, isso aí". Mas teve um problema lá com um tal de Borracheiro lá, um negócio com um tal de Borracheiro. Não sei se você lembra desse tal de Borracheiro. Esse Borracheiro, ele aproveitou e ele queria...

CLIO: Construir um barraco, queria uma indenização. Alguma coisa assim.

LUCAS: Queria uma indenização... Não sei direito. Só sei que 97 ou 98, por causa dessa

denúncia, um borracheiro que denunciou meus pais por alguma coisa relacionada a esse lote então meus pais foram na polícia e chegou lá meu pai ficou surpreendido, porque tinha o... O cara da delegacia falou que ele tinha ficha suja. E... E o cara falou assim “Ficha suja?”. Aí meu pai estranhou e falou: “Mas como assim ficha? Ah, tá. Não”, meu pai falou com ele “Mas isso aí é outra coisa, isso aí é prisão política que cê tá falando”. Aí eu lembro do meu pai falar até, era um menino, policial jovem, que não tinha menor noção do que era isso, talvez ele nem soubesse de governo militar.

CLIO: Cê tava no dia com ele?

LUCAS: Não. Só sei... Não. Num fui na delegacia, não. Cê foi?

CLIO: Não, eu fui. Não sei se no dia ou depois, que aí como os tempos já eram outros, aí fomos nós dois todos cheios de si, de direito e falando que isso aí “o que era isso? O que é aquilo ali”.

MARIANA: Você já era advogada também?

CLIO: Não. Não era, não. Mas, olha... Ele sabe... “Mas o que é que é isso? Isso aí, que cê tá tipo assim, mas isso aí, isso aí que cê tá falando aí, meu filho, é um orgulho e que não sei mais o quê”. Foi só isso, na verdade... Na verdade não foi assim, como que eu... Na verdade a gente tava era com dó de tanta ignorância. De tanta ignorância... O povo não sabia nada e a gente falou “Ah, mas isso aí... Isso aí é na época da Ditadura, foi prisão política”. E não sei mais o quê. Mas aí, não deu nada, não. Num teve o menor problema, é muito pelo contrário, a gente já tava era achando, né?

LUCAS: E a última coisa que eu lembrei, que ele contou agora, é que ele tinha acabado de... Foi preso em dezembro de 71, acho que ele tinha acabado de passar num concurso pra... Técnico... O cargo era Técnico em Tributação. Aí ele contou que era um cargo diferente, não é o que ele virou depois, que é Auditor Fiscal do Tesouro Nacional, né? Aí que ele... Ele tinha acabado de passar nesse concurso, que parece que era um cargo diferente, alguma coisa que iria ser relacionada com o Itamaraty, com o Ministério das Relações Internacionais, ou Exteriores, sei lá também o que é... Bom, e aí ele ficou com medo, claro, tinha acabado de passar em um concurso bom e tal: “Ih, vou perder ele agora, imediatamente”. Então ele fala que ele acha que o Delfim Neto foi importante, porque, ele era o Ministro da Economia, do governo mais... Mais, é... Mais violento que teve, mais autoritário foi do Médici, mas que o Médici... O Delfim Neto fez alguma coisa que ele conseguiu proteger o Ministério da Fazenda, de modo que os militares não mexeram no Ministério da Fazenda. Então ele fala que os militares entraram em tudo quanto é área do Estado, que nas universidades, nas escolas tinham militar, em tudo quanto é lugar tinha

militar, lá na chefia e tal, e que isso não aconteceu no Ministério da Fazenda. Então ele, assim, de certa forma, é um comunista... Preso político que... Reconhecendo o valor do Delfim Neto, que foi um ministro do governo militar e tal... E que é um cara... É um cara interessante, Delfim Neto, diferente. Bom, aí... O que mais? Acho que só isso. E as outras coisas é isso mesmo né, numa pessoa que tem, ainda tem essa convicção de... Que o comunismo tem importância, que o grande problema do país é desigualdade. Isso é o que ele... Acho que é o mais forte para ele. Tem corrupção, tem infraestrutura, tem blá-blá-blá, blá-blá-blá, mas o grande problema do país não é nada disso, o grande problema do país é metade da população pobre e miserável que não tem rede de esgoto etc. e tal. Então acho que isso que é o mais forte dele assim e a gente teve... Na nossa vida a gente teve muita influência das escolas. Acho que o negócio das escolas era porque assim, eles associavam as escolas tradicionais com escola que valoriza disciplina e obediência. E não, a ideia era criar os meninos para ter conhecimento e liberdade. O negócio da música, que é interessante é o seguinte, um negócio que é muito nacionalista esse negócio que vocês têm aí, né? Por exemplo, meu pai, duas coisas interessantes pra música, que eu acho que foi legal, primeiro quando tinha os quadros lá dos Beatles na casa, ele não gostava muito também, não, porque ele tinha só... Hoje ele sabe, claro, mas todos os discos, só disco brasileiro, só música brasileira. Então um negócio nacionalista. E Beatles e Rolling Stones é coisa estrangeira, né. E... Mas eu lembro que foi importante uma vez que ele falou que eu tinha quadro dos Beatles no quarto, né. Ele falou “Não idolatra ninguém, não. Esse negócio de idolatrar é bobagem”.

LÉO: Só o Reinaldo.

LUCAS: Só o Reinaldo. Gaúcho, claro.

CLIO: Esse negócio de idolatria realmente não tem, não, mas para o futebol realmente...

LUCAS: Lógico, mas aí a gente reserva, deixa pra lá. Exatamente.

CLIO: Só o Reinaldo. É idolatrar só o Reinaldo.

LUCAS: Só o Reinaldo.

CLIO: Mais o João Leite, agora o João Leite tá meio esquisito, né? Então...

LUCAS: Não, João Leite já foi ídolo.

CLIO: Já idolatrou, mas agora o João Leite caiu no conceito.

LUCAS: É. Aí tem... É... Então tem isso, esse nacionalismo de esquerda, um nacionalismo só das... Que associa aos militares, os governos liberais, eles são entreguistas e tal, patrimônio público e tava lá. Então essa ideologia, esse nacionalismo de esquerda, eu acho que tem até isso mesmo, que é forte (trecho incompreensível) interessante.

LÉO: Que eu acho assim, eu acho que tudo que é radical demais tá um pouco errado. Então eles estão um pouco errado. Então tá todo mundo um pouco errado quando há qualquer coisa exacerbada. Mas uma coisa legal que eu acho que eles passaram para a gente, nós quatro somos completamente desprendidos com dinheiro. Tipo assim, todos nós sabemos que precisa de dinheiro para viver, ninguém vive sem dinheiro.

LUCAS: É verdade.

LÉO: Mas os quatro são completamente desprendidos. Eu acho que os quatro, se viesse amanhã um decreto fala aqui “cada um doa metade do que tem, que vai acabar a pobreza, vai tudo tá resolvido”. Os 4 doam.

CLIO: Realmente com dinheiro...

LUCAS: De viver com o necessário, isso a gente tem.

LÉO: Que aí é fruto desse.... Deles, com certeza.

JANAÍNA: Eu queria só esclarecer alguns pontos, enquanto cês vão pensando aí, é... Em relação à prisão mesmo dos seus pais, que os dois foram presos no mesmo momento, em dezembro de 71, os dois foram levados pro DOPS e no relato do pai de vocês para o Coned, ele fala que alguns policiais ficaram na casa e que a Clotilde, né? A Clotilde estava, e que... Deste momento, em que vocês... Você ficou na casa, isso que não fica muito claro. Se você ficou na casa com a Clotilde ou se você foi levada...

CLIO: Eu... O Lucas resumiu um pouco, mas a mamãe, ela contou agora recentemente pra gente, que foi o seguinte. Esse episódio todo, essa coisa toda da moça que ia para Juiz de Fora, meu pai ia pegar pra lá, isso aconteceu um dia antes. No dia, no dia mesmo, eles estavam os dois em casa, não sei... Não sei que dia da semana que era, não entendi, não sei, mas eles estavam em casa. Eles olharam pela janela e viram, tinha uma praça na frente, olharam pela janela e na hora que eles olharam pela janela eles viram o Sálvio e dois policiais lev... O que deduz é o seguinte, o Sálvio estava preso e ele entregou... Eles exigiram que ele entregasse alguém, ele entregou eles sob a alegação de que ali era uma biblioteca de partido e também umas reuniões. O Sálvio tinha deixado uns dias, não sei quantos dias antes e não sei quem tinha deixado, umas pilhas de livros lá na casa deles e esses livros meu pai ficou com receio, porque eles já começaram a ver que a coisa tava meio esquisita, um monte de gente sendo preso, levou para Sabará, para a casa do pai dele lá em Sabará. Então os livros não estavam lá no dia, no dia vocês estavam em casa comigo, aí eu... Aí parece que a Clotilde tinha chegado para visitar...

LÉO: Eu acho que ela chega... É? Ela não chega na hora do...

CLIO: Não, não chega na hora, não. Mas enfim, eles olham pela janela e veem o Sálvio e dois policiais olhando para o prédio, aí eles já falaram “O Sálvio entregou a gente”. Aí entraram para dentro de casa e começaram a pensar “Ai, meu Deus! O que é que a gente faz? Como nós vamos fazer? Para onde é que a gente vai? Nós vamos sair correndo? Como? Onde? Quando?” Pouco tempo depois, papai fala que, não sei horas, uma hora, duas horas... E também não sabe se nesse meio tempo a Clotilde chegou, se na hora que olhava para a janela a Clotilde já estava lá, isso eles não tem muito certo, mas enfim... Depois disso eles entram. Então estamos, está, mamãe, papai, eu, a empregada, tinha empregada lá, a Clotilde e uma outra amiga. Eles entram, diz que com um monte de homem armado e aí faz a prisão “Vamos levar vocês”. Aí a mamãe começa “Não vai levar, porque nós somos... O que é que é isso? Esse monte de homem, pra quê isso?”. Enfim, leva os dois e aí eu fico em casa com a empregada e com a Clotilde e com a amiga dela. E aí eu fui perguntar outro dia mamãe, porque eu falei assim “Mas aí eu fiquei com a Clotilde? A Clotilde ficou tomando conta de mim?”, “Não, não. A Luia, que era a empregada que tava lá, que estava acostumada comigo.” Não era babá, não, era empregada que ficava comigo. Aí ficou comigo lá.

JULIANA: E você estava doente?

CLIO: Estava doente.

JULIANA: Na época. E esse episódio que sua mãe te contou em relação ao médico, o médico dos militares. Os militares te levaram ao médico?

CLIO: Não, não. Não chegaram a levar. Não chegaram a levar, porque a mamãe, ela conta também que ela foi, e ela tá com um vestido de crochê que minha vó fez e era um vestido assim, mais justo assim, muito bonitinho o vestido. Que aí eles chamaram “Vem cá”. Ela levantou aí o policial falou “Nossa senhora! Como que pode? Grávida. Uma mocinha dessa grávida e metida nessa bandidagem”. Não sei se essa era a palavra, não. Aí ela falou “Metida em quê?”. Ela falou que ela ficou o tempo todo dando de boba e que depois ela teve um pânico, mas um pânico, um pânico, um pânico muito grande, porque ela ficou com medo deles descobrirem que na verdade ela não era aquela boba completa, não. Na verdade ela sabia o que estava acontecendo, apoiava, mas também num era uma... Né? Mas que ela também ficou com medo, com pânico, mas não aconteceu nada depois, não. Aí ela tava com um vestido e eles chamaram “Nó, grávida!”. Não sei o que, não sei o que. Aí foi passando, passando. Aí lá pelas tantas ela falou: “Minha filha tá doente, eu preciso levar ela ao médico”. Aí que veio, aí eles falaram “Nós levamos sua filha”. E ela assim, tipo assim “Credo nesses homem”. “Não a gente leva sua filha, quem é o

pediatra?”. Aí que veio a história. Aí quando veio a história de que o pediatra era o Dr. Figueiredo e que o outro falou, ela acha, isso é opinião dela, ela acha que eles pensaram: “Ah, quer saber? Essa daí deve ser uma burguesinha que não tá sabendo de nada mesmo”.

LUCAS: Que casou com um comunista.

CLIO: Que casou com um comunista. Que deve ter pensado assim: “Porque tem gente...”. Porque nesse ponto a minha mãe, ela é muito diferente do meu pai nesse ponto, o meu pai é muito, eu acho que ele é muito radical com essas coisa. A minha mãe, é assim, se o médico é excelente e esse médico excelente, ele é militar... Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa, eu vou levar ele. Para mim o fato dele ser militar num... Num descarta. Já outros... Então eles pensaram assim “Ué, mas essa moça não é uma comunista, assim, tão subversiva, porque está levando em um médico militar”. Aí ela falou que acha que isso deve ter pesado até para eles soltarem ela.

JULIANA: O fato do médico deve ser...

CLIO: O fato do médico ser militar, dela levar a criança num médico militar.

LUCAS: Então assim, ela não chegou a ser presa, acho que não...

CLIO: Chegou.

LUCAS: Algumas horas. O que foi? Tem registro? Nem sei. (Trecho incompreensível)

JULIANA: O registro... É. Porque como ela foi anistiada em 2011... A informação que nós temos é que ela foi anistiada em 22 de junho de 2011.

LUCAS: Sim, ela ficou na delegacia.

JULIANA: Ela foi levada no DOPS, ela foi presa e a informação que nós temos, dos documentos oficiais, é que ela foi presa, levada grávida e que foi presa encapuzada, sofreu determinados tipos de...

LUCAS: Ah, isso. Camburão...

JULIANA: De violência, isso agravado pelo fato dela estar grávida, eu não sei exatamente de quantos meses, imagino que cinco, seis meses...

CLIO: Grávida de seis meses.

LUCAS: Ah, questão dos Direitos Humanos... Isso aí, é verdade.

LÉO: Junho? (Trecho incompreensível) 3 meses, 4 meses...

MARIANA: Não interessa, né, gente? Grávida é grávida. Cruz credo.

LUCAS: Mas aí a minha dúvida é o tempo que ela ficou lá no DOPS. Isso não tem, não?

JULIANA: Então, nós não temos acesso ao depoimento dela. (Trecho incompreensível) comissão anistia, a gente não teve acesso a esses documentos e como ela não foi anistiada no Coned

(trecho incompreensível).

LUCAS: Ela foi interrogada. Ela também foi interrogada.

LÉO: A fidedignidade do quê que eles colocaram também...

JULIANA: Tem isso também.

LÉO: Claro que não, né.

JULIANA: Tem isso é um fato também. A gente tem acesso aos documentos restritos.

LÉO: Mas eu acho que ela não passou a noite na cadeia.

LUCAS: Eu também acho que ela ficou algumas horas, foi interrogada, etc. e tal, mas já saiu logo. Meu pai que ficou um mês e alguma coisa.

CLIO: Teve o negócio do capuz que ela conta que... Ela conta que o meu pai estava sentado assim, encapuzado, aí colocaram ela do lado dele. Aí que na hora que colocaram ele falou assim "Helena?". Para ver se era ela. E ela encapuzada e ele encapuzado. Na hora que ele falou "Helena", eles pá, pá, pá, pá, pá. Soltaram cacetada nele. "Cala a boca. Estamos falando pra você não falar".

JULIANA: O que consta que eu queria saber se vocês têm essa informação, no depoimento do pai de vocês, na Coned, do Ciro, né, é que a Helena foi levada junto com ele e que durante esse período em que ela... Ele... Tanto ele, quanto ela estavam, foram presos, foram levados pro DOPS, vocês ficaram... Você, né, ficou com a Clotilde, mas que também militares ficaram na casa de vocês.

CLIO: Isso. Isso que ela falou mesmo. Ela falou que eles até roubaram.

JULIANA: Isso. Que não... Que vocês ficaram como cárcere privado. Que vocês ficaram sob a guarda. E aí o que eu queria esclarecer era isso, se de fato eles chegaram a levar você ao médico ou como foi esse processo?

CLIO: Eu... Eu aí eu não vou saber te falar não. Eu acho que não. Eu acho que não levaram. Não deve ter levado, não, porque ela deve ter saído e deve ter providenciado isso.

LUCAS: Mas enquanto isso eles ficaram lá e...

CLIO: Mas eles ficaram mesmo. Até que ela conta que sumiu muita coisa.

JULIANA: Entendi. A partir disso que ela... A suspeita da mãe de vocês que (trecho incompreensível) as joias.

LUCAS: Sumiram joias de família e...

JULIANA: Outra pergunta que eu queria fazer em relação a exoneração do cargo, que ela era professora do Estado, do governo do Estado... Era do Estado?

LUCAS: Isso.

JULIANA: Que ela foi exonerada, e esse processo de exoneração, vocês estão me relatando que é devido a pressões familiares, mas teve alguma coisa, algum tipo de pedido, exigência do Governo para que ela... Ou da diretoria da escola?

CLIO: Não. Ela falou que foi assim, eles tinham... Várias pessoas tinham sido presas, inclusive eu sei que a Irene Teles, ela era também do Estado, concursada do Estado, a mesma coisa que ela e umas outras pessoas, que eu não vou saber quem. Todo mundo tinha sido presa, num sei mais o quê, e aí ninguém, ninguém pediu nada. Ninguém pediu exoneração, ninguém fez nada. Só que como eles ficaram presos, se ausentaram ao trabalho, e aí tinha um tanto de dias lá que não podia faltar, uma coisa lá da legislação que eu não sei direito o que é... A minha... Mas enfim, ninguém fez nada. Mas parece que, com essas faltas, teve algum problema para todo mundo. Mas ficou por isso mesmo, ninguém fez nada, teve lá problema. A minha mãe, como a minha tia, irmã da mãe dela, a mãe dela e as irmãs da minha avó, que são muito, assim, muito... Sempre foram muito evasiva, e hoje eu vejo que a mamãe é uma pessoa muito boazinha. Eu acho que é uma pessoa muito boazinha, eu não tenho a metade da boazice dela, que ela tem. Eu acho, porque ela conta várias... Ao longo da vida, várias coisas que foram fazendo, que não era a vontade dela... Eu não acho, eu não sei se é o momento, eu acho que tem a ver com a personalidade dela também. Ela... Essa minha tia, que o marido era militar, conversou com minha avó e minhas tias lá, chegaram à conclusão que era muito sério, muito perigoso aquilo, que ela tinha que pedir exoneração. Mas aí ela falou “Não tem ninguém pedindo exoneração. Ninguém tá pedindo exoneração, tá todo mundo deixando...”, “Ah, mas isso é muito grave, isso é muito sério”. Enfim, elas fizeram entrar, fizeram o processo, principalmente com essa minha tia, irmã da minha avó, tia dela. Fizeram todo processo. E ela falou que lembra dela ter assinado um monte de folha. Então foi isso que aconteceu. Na verdade ela pediu exoneração.

JULIANA: Devido a pressões de familiares?

CLIO: Devido a pressão e tudo. Quando... E na verdade, se você for ver, era aquela família que estava apoiando ela, porque... Aí eu sei como é... Aquelas pessoas que estão te apoiando, como é que você, né... Mas aí ela conta que, quando foi mais pra frente, não sei quando, um ano desses aí, deve ter sido depois da Constituição, não sei. Não sei também quem, regularizou a questão desse pessoal, como a Inês, como vários outros, que se ausentaram ao trabalho e que por isso foram, fizeram não sei o quê. E trouxeram todo mundo de volta, contaram o tempo, normalizaram tudo, mas ela tinha pedido exoneração. Ela tinha assinado um documento,

entregue um documento assinado. Aí o dela não teve jeito, aí ela ficou fora. Aí depois, com... Agora aí, eu acho que ela fez um processo no âmbito Federal, parece que ela provou isso e recebe uma aposentadoria.

JULIANA: Em relação a essa processo da anistia, tanto do seu pai, quanto da sua mãe, vocês acompanharam? Como é que foi isso no âmbito familiar? Porque os processos eles foram deferidos relativamente há pouco tempo, 2009/2011. Então vocês já eram maiores e tudo o mais. Esse processo vocês acompanharam? Foi discutido em família? Isso foi...

LÉO: Eu fiquei sabendo de tudo. Eu não diria que acompanhei o (trecho incompreensível) processual e nem teve nenhum tipo de discussão, porque eu não acho que a discussão... Pra nós é uma coisa óbvia, mas a gente sabia de tudo que estava acontecendo, eles contavam para a gente.

CLIO: Eles contavam e tudo, mas eu acho que mais por correria da vida mesmo a gente nunca pegou, sentou "Ah, me mostra", mesmo. Eles só contaram.

LUCAS: (Trecho incompreensível) é obrigação, reconhecimento... Que eu lembro que você falou uma hora de um negócio que teve em Brasília, é disso ou não? Porque eu lembro que papai foi para Brasília nessa época.

JULIANA: Porque tem várias etapas, o processo de anistia tem várias... Tem as caravanas de anistia que são específicas temáticas, por exemplo. Ah, caravanas de anistia como mulheres que... De mulheres, por exemplo. Algumas com (trecho incompreensível) anistia para estudantes. Algumas... Outras pessoas entraram isoladamente, assim. Entraram, fizeram requerimento do Ministério da Justiça e pediram anistia. Então, assim, os processos são diferentes.

MARIANA: A gente ainda não teve acesso a eles.

CLIO: Eu acho que os deles foi isso, ele ficou sabendo, né, o papai ficou... Não sei quem fez, tinha feito, não lembro mais a pessoa, fez tudo, conseguiu, falou com ele "Ciro, você também tá na mesma situação". Aí ele entrou, depois eu acho que foi a mamãe.

ADO: A da minha mãe eu não tenho muita clareza não, mas tem alguma coisa relacionada a mulher sim, porque ela recebeu com 4 ou 5 outras mulheres. Eu acho que foi até a Erundina que fez a...

LUCAS: Ela foi participar numa mesa lá em Brasília. Eu acho que teve isso.

CLIO: Eu acho que teve uma solenidade, assim...

ADO: Quando eu falo eu acho é assim, eles contam para a gente e a gente esquece. (Trecho incompreensível).

JULIANA: Aproveitando um gancho assim, só uma última questão, não sei se a Mariana tem mais alugam questão, só uma última questão. Vocês falaram que a... Isso nunca foi discutido porque isso é uma coisa dada, né? Essas informações foram dadas, mas vocês têm alguma recordação de quando vocês eram crianças, nessas brincadeiras com os filhos do Sálvio, de outras pessoas que estão envolvidas nesse meio, disso ter sido falado, dito, assim, ou isso... Isso é uma coisa que sempre foi discutida ou teve um momento que vocês descobriram? Você descobriu que... Que quando você... Sua mãe foi presa, estava grávida de você? Teve algum momento emblemático assim?

CLIO: Eu não tenho lembrança de ter esse momento, não. Eu acho que foi uma coisa que foi assim, talvez tenha sido falado, acho que desde o dia... Desde sempre foi falado, falado, falado. Num lembro assim de...

LUCAS: É... Sempre soubemos disso por causa disso. Que... Os amigos, as pessoas sempre tinham a ver.

CLIO: Como que foi exatamente, eu também não vou saber quando que... Talvez os detalhes a gente veio saber depois, quando começou a perguntar, mas assim, é uma coisa meio que você cresce com aquilo já...

LÉO: É, é porque a presença, essa presença não é assim, não é falado o passado, o lamentado o que aconteceu, a presença é a política. Estar sempre observando os espaços todos que acontece e tal, isso sempre foi muito vivo. Quando os amigos dos meus pais iam lá pra casa, eles ficavam falando de política o tempo inteiro. Não era assim... Ou de Atlético, ou falavam um pouquinho de futebol, mas o assunto era política.

MARIANA: (Trecho incompreensível)

LUCAS: Mas é verdade, está sempre presente, mas também acho que as duas coisas, que é interessante. Mãe tem um trauma também, porque não tem jeito, nesse negócio de não falar, de num... Tem mais, tem mais informações ali sobre o evento que seria interessante e que a gente não sabe.

CLIO: Mas eu acho, eu pelo menos, acho que eu vim a saber de detalhes depois que a gente... Mas também... Talvez não falasse assim com detalhes, depois que a gente começou a ficar grande que começou a sentar "Ah, me conta direitinho como que foi com detalhes". E realmente papai não fala muito, não, deixa que a mamãe fala por ele, né? Então aí ele fica calado, ela fala, fala, fala e ele se emociona. Mas não teve nenhuma descoberta assim, traumática. Eu também não lembro da gente tá convivendo com os meninos e aí ter assim alguma descoberta. Não. Tudo, tudo...

LUCAS: Nunca foi escondido, mas também não, não... Dando detalhe.

CLIO: Tudo supernormal, né? Tudo que a gente viveu. A ausência completa de religião na nossa vida, isso é uma coisa também. A ausência completíssima...

LÉO: Eu até corrigiria, a ausência dessa doutrinação.

CLIO: Doutrinação.

LÉO: Porque assim, a educação foi completamente cristã, (trecho incompreensível) mas sem os nomes, as questões institucionais...

CLIO: Com certeza, só as questões institucionais.

LUCAS: Uma coisa também que eu sei, o fato dele ter virado comunista de esquerda, isso é do seminário também. Tem o setor lá da história da teologia da libertação, aquele pessoal lá, tá ligado ali. É o pessoal religioso de esquerda. Ele não virou padre, mas...

CLIO: É, e isso junto com a personalidade dele, porque não tem condições...

LUCAS: Agora, umas coisas, assim, se for importante, né, a gente pode pegar uns dados assim, tipo essa mulher, o que era essa pessoa, essa mulher de Sabará que ia fugir, coisas ligadas também à informação. O Sálvio que... Algumas coisas aí dá pra gente, se for...

JULIANA: Se vocês quiserem passar as informações, mas até que o...

MARIANA: A gente também, com o relatório, se tiver alguma dúvida sobre nome, esqueceu...

JULIANA: A gente vai tomar a liberdade de entrar em contato com vocês de novo. Pra gente poder conversar. Vocês querem acrescentar alguma coisa? Mais algum ponto? Mais alguma...

Que vocês querem ser dita, registrado?

CLIO: Eu acho que não. Acho que a gente mesmo, a gente não teve assim... Nós mesmo não sofremos absolutamente nada com a Ditadura. Nada, nada, nada, nada. Acho que eu posso falar mais, porque sou mais velha, acho que o Lucas e o Léo... Nada, nada, nada, nada. Não tem, assim...

LUCAS: Você foi diretamente afetada, não lembra de nada, mas foi...

CLIO: Não lembro nada, acho que não teve nenhuma... Eu acho que eles foram excelentes pais, eu acho assim. Acho que a coisa foi muito... Acho que a gente viveu ali naquele contexto... E acho que foi ótima a formação que eles deram, aquela questão política, uma preocupação política muito grande, com mais a questão do materialismo que o Léo falou e hoje a gente é... Eu acho que hoje, acho que hoje todo mundo, né... E acho que hoje a gente tem o maior orgulho, maior orgulho. Acho que a coisa mais incrível do mundo.

LUCAS: É, um último comentário só sobre eles, né. Agora eles tiveram, eu percebi uma vez um

susto deles, assim, com a história do impeachment da Dilma, eu senti eles um pouco aflitos, lembrando mais nesse momento. Lembraram e tiveram... Acho que passou assim, mas eles tiveram o susto de “Meu deus do céu!” Porque teve umas coisas que apareceram lá, umas pessoas falando de volta de ditadura e tal. Eu senti eles bem tristes e assustados no momento do impeachment ali, mas acho que... Acho que eles não estão com medo de volta de Ditadura não. Acho que não, mas nesse momento eu senti eles, no dia que eu fui lá visitar e estava prestes a acontecer, eles estavam... Eles estavam meio assustados “Meu deus do céu, será que vai voltar?” Mas acho que eles não tão, assim, morrendo de medo. Não sei se esse medo é real. Acho que não. Só isso.

JULIANA: Então agora são 15h45min, no meu relógio. Então nós estamos encerrando a oitava do Lucas Jório, do Ado Jório, do Léo Jório e da Clio Jório, aqui na COVEMG.